

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira (Cabreúva, 1886 – São Paulo, 1972)

Paulo Florêncio da Silveira Camargo nasceu em 25 de janeiro de 1896, em Cabreúva, no Estado de São Paulo. É filho de Pedro Florêncio da Silveira Júnior, comerciante, e Rosa Lina de Almeida Camargo. Fez os primeiros estudos na vizinha cidade de Itu, a 'Roma Brasileira', assim chamada no final do século XIX pela grande influência da Igreja (em especial, da Companhia de Jesus) na organização da cidade e na política local. Estudou no Grupo Escolar Cesário Motta e no colégio São Luís (instituição de ensino jesuíta fundada em 1867). Ingressou no Seminário Menor de Pirapora em 1911. Ao término do curso, estudou no Seminário Provincial de São Paulo, atual Seminário Central do Ipiranga (Correio Paulistano, *Bodas de prata sacerdotais*, 1946, p.5).

Com vários parentes no clero, Camargo tornou-se sacerdote em 1921. De 1922 a 1924, atuou como coadjutor na Paróquia de São João Batista. Em seguida, foi vigário em Santana de Parnaíba, onde presidiu a comissão de festejos do tricentenário da criação da vila que deu origem à esta cidade. Fruto dos estudos feitos durante o vicariato, publicaria mais tarde *Notas para a história de Parnaíba* (1935), e sua versão revista e ampliada *História de Santana de Parnaíba* (1971). Nestas obras, o autor narrou a participação dos bandeirantes no processo de criação do vilarejo e no desenvolvimento da região, assim como a atuação da Igreja. Em ambos os livros, afirmou que "*pas de documents, pas d'histoire*". Embora sem fazer referência nominal à obra *Introduction aux études historiques* (1898), de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, o uso da expressão em francês revelava a influência que teve da Escola Metódica. Mas apesar do empiricismo, a narrativa de Paulo Florêncio da Silveira Camargo, em grande parte, era de tom apologético à Igreja, o que pode explicar, por exemplo, o silêncio do autor sobre a presença de mouros e judeus entre os fundadores de Santana do Parnaíba, cujos laços sanguíneos foram notados por José Gonçalves Salvador (*Os cristãos-novos...*, 1976).

O retorno à capital paulista se deu em 1926. Tornou-se cônego em 1939, momento em que passou a assumir diversas responsabilidades no cabido metropolitano: desde atividades de imprensa da arquidiocese a membro do Tribunal Eclesiástico, concomitante ao trabalho intelectual de escrever sobre a história da Igreja em São Paulo. Em 1945, ano em que passou a integrar o quadro de sócios efetivos do Instituto Histórico e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Geográfico de São Paulo (IHGSP), Camargo lançou *A instalação do Bispado de São Paulo e seu primeiro bispo*, polianteia em comemoração ao segundo centenário da criação daquela diocese.

A partir daí, ministrou conferências, cursos, publicou diversos artigos na revista do Instituto, e apresentou trabalhos em eventos de História (IHGSP, 1994). Tornou-se ainda membro correspondente dos institutos históricos e geográficos de Minas Gerais e do Paraná. Em 1951, ano em que se tornou monsenhor, Paulo Florêncio da Silveira Camargo fundou o Instituto Paulista de História e Arte Religiosa. Sob o beneplácito do alto clero, o Instituto iniciou em 1952 e concluiu em 1953 a publicação da maior obra de Camargo, *A Igreja na História de São Paulo* (em sete volumes, com mais de 2.700 páginas, abrangendo o período de 1530 a 1851). Em 1955, foi lançado o livro *História eclesiástica do Brasil*, desta vez pela Vozes, editora também vinculada à Igreja Católica. O contexto era o das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, quando a Igreja se empenhou consideravelmente para atrelar a imagem da instituição à história da capital paulista e do Brasil. Foi membro da comissão organizadora de tais comemorações, cujas celebrações religiosas contaram com ele, como sacerdote.

Historiador não acadêmico, Paulo Camargo pode ser definido como parte daqueles que, tal qual o monsenhor baiano Manoel de Aquino Barbosa (1902-1980), pertenceram à categoria especializada de trabalhadores intelectuais no clero brasileiro que se dedicaram à preservação da memória corporativa da igreja (S. Miceli, *Fontes para o estudo da elite eclesiástica brasileira...*, 1984, p. 53). Um dos defensores da ideia de que para conhecer a história do Brasil seria necessário saber da história da Igreja, Camargo buscou na historiografia portuguesa algumas de suas fontes para construir sua narrativa sobre o catolicismo brasileiro, através de autores como Simão de Vasconcelos, Serafim Leite, Miguel de Oliveira e Fortunato de Almeida. Com relação à colonização portuguesa, Camargo retratou como nefasta a expulsão dos jesuítas do Brasil, o que teria sido fruto de um absolutismo estatal sob o comando do Marquês de Pombal. O historiador descreveu de forma apologética a importância da Igreja na independência brasileira frente ao império português, ao destacar a participação de sacerdotes neste processo.

Camargo se firmou como historiador na era Getúlio Vargas (1930-1945), incluindo o Estado Novo, momento em que a Igreja recupera espaço perdido junto ao centro do poder, desde o fim do século XIX. O auge da produção deste pesquisador, em que escreve suas obras mais impactantes, foi entre 1945 e 1955. Em 1955, realizou-se o Congresso Eucarístico Internacional, no Rio de Janeiro. O ano também foi um marco para um processo interno de disputar políticas na Igreja, com a criação do Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM. Este abriu caminhos para a constituição da *Comisión para Estudios de La Historia de La Iglesia en América Latina* (CEHILA), que a partir dos anos 1970 proporia uma produção historiográfica crítica, em que apresentasse a participação dos de baixo, em vez de a visão tradicional apologética que ressaltava grandes nomes, grandes eventos e escondia conflitos internos da Igreja (E. Dussel, *Historia de la Iglesia...*, 1972).

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia activa: Polyanthea em Homenagem ao Tricentenário da criação do Município de Parnahyba, 14 de Novembro 1625/14 de Novembro de 1925, São Paulo, 1925; Notas para a História de Parnahyba, Oficinas Graphics da “Ave Maria”, São Paulo, 1935; *História de Santana de Parnaíba*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1971; Igreja na história de São Paulo. Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, São Paulo, 1952. v. 1. 1530-1624; v. 2. 1624-1676; v. 3. 1676-1745; v. 4. 1745-1771; v. 5. 1771-1821; v.6 1821-1851; v. 7. 1851-1861; Tibiriçá: sua época e os primeiros povoadores de São Paulo. Itu (SP): Ottoni, 2011. *A instalação do Bispado de São Paulo e seu primeiro bispo*, São Paulo, 1945. Anchieta e o Clero In: Anchieta / org. Comissão Nacional para as Comemorações do Dia de Anchieta ; introd. Julio de Mesquita Filho. - São Paulo, 1965, pp. 391-404.

Bibliografia passiva: CORREIO PAULISTANO, *Bodas de prata sacerdotais*, São Paulo, 1946, nº 27.723, p.5, Ano XCIII. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/29721; DUSSEL, Enrique, *Historia de la Iglesia en América latina. Medio milenio de coloniaje y liberación (1492-1992)*. 2ª ed. Nova Terra: Barcelona, 1972; IHGSP, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, LXXXIX, São Paulo, 1994, pp. 52-53, disponível em <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/02/Vol-89.pdf>; LACOMBE, Americo Jacobina, *Introdução ao estudo da história do Brasil*. Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1973; MICELI, Sérgio, *Fontes para o estudo da elite eclesiástica brasileira, 1890-1940*. BIB: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, 3, 1990, pp. 301-334; SALVADOR, Jose Gonçalves, *Os cristãos-novos – povoamento e conquista do solo brasileiro (1530-1680)*. Pioneira/Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976; TORRES, J. C de Oliveira, *História eclesiástica*, Correio Paulistano, São Paulo, p.18, Ano 103, nº 30.773, 15 de julho de 1956. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/090972_10/32306

Daniel Vasconcelos Solon